



Subseção Comerciários de São Paulo

Balanço do Segmento e Perfil dos Trabalhadores em Supermercados

São Paulo

Julho 2010

Introdução

O final de 2008 e o início de 2009 foram períodos atípicos para a economia brasileira. A crise financeira que se propagou pelo mundo nesse período interrompeu o processo de crescimento econômico que vinha ocorrendo nos últimos anos. Apesar disso, o segmento supermercadista apresentou bons resultados referentes ao seu desempenho econômico.

Fatores como crescimento da massa salarial, aumento da renda - que consequentemente leva ao crescimento do consumo - a criação de novas vagas de emprego e a política de valorização do salário mínimo contribuíram diretamente para os bons resultados obtidos pelo segmento.

Nos últimos anos, tem-se observado, no Brasil, um forte processo de fusão do segmento supermercadista. Esse movimento tem como resultante uma elevada concentração, ou seja, três ou quatro grandes redes que concentram mais de 40% do faturamento do setor supermercadista. Além disso, confere a essas redes um poder extraordinário frente à indústria, por exemplo.

Visando subsidiar a ação sindical junto às empresas deste segmento, o Sindicato dos Comerciários de São Paulo solicitou ao Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos- DIEESE, a realização deste estudo que tem como objetivo traçar um panorama conjuntural da atividade econômica, do comportamento do emprego e do rendimento nas empresas no segmento. Além disso, visa também apresentar um breve perfil dos empregados com carteira assinada, focando principalmente a desigualdade entre homens e mulheres.

Para a elaboração do estudo, foram utilizadas as seguintes fontes de informações: Relação Anual de Informações Sociais (Rais) e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego no que se refere ao perfil dos trabalhadores; a Pesquisa Mensal do Comércio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PMC-IBGE); o ranking Abras - da Associação Brasileira de Supermercado (Abras). Os anos de 2008 e 2009 foram utilizados como referência para a análise deste estudo. Além disso, buscou-se traçar um breve panorama do comportamento do setor entre os anos de 1999 e 2009, no que se refere ao emprego e o rendimento.

Balanco do segmento

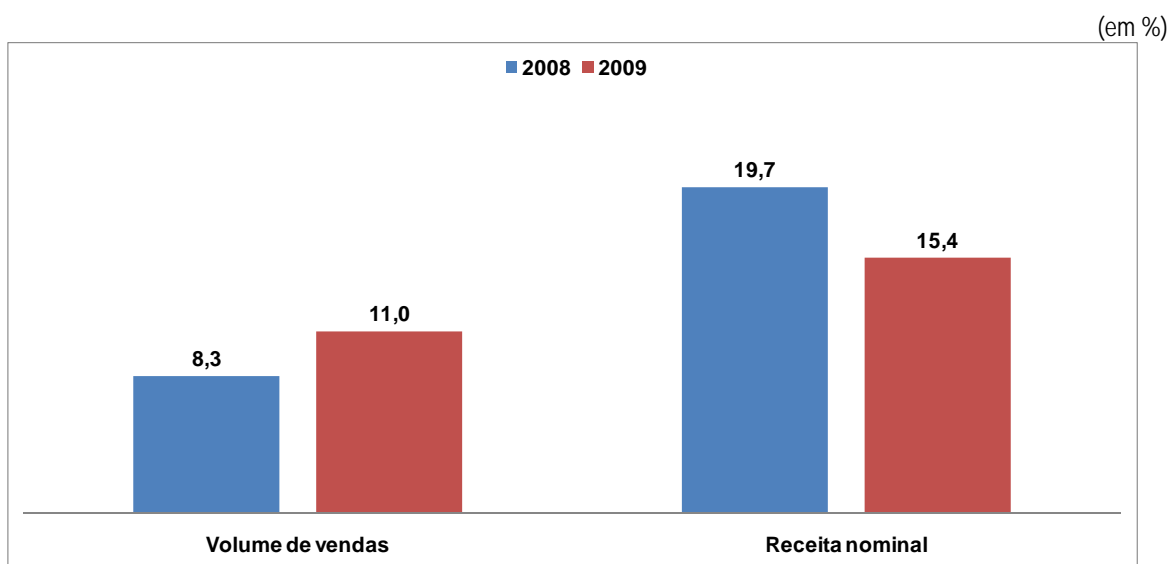
1. Volume e receita nominal de vendas

No ano de 2009, que ficou marcado pela crise financeira internacional, o segmento de *hipermercados e supermercados* no estado de São Paulo obteve crescimento acima da média estadual do comércio varejista, atingindo 11% em volume de vendas em 2009. Este resultado é ainda melhor que o verificado em 2008, quando as vendas físicas registraram expansão de 8,3%.

No que tange à receita nominal de vendas, o segmento também obteve resultado positivo em 2009 com aumento de 15,4%, ainda que esta variação tenha sido inferior à verificada no ano anterior (19,7%). (Gráfico 1)

Em 2009, o segmento de supermercado do estado de São Paulo teve crescimento do volume de vendas acima da média nacional, 11% contra 8,1%, e o mesmo ocorreu quanto à receita nominal, 15,4% contra 12,8%, segundo dados da Pesquisa Mensal do Comércio, realizada pelo IBGE que mede a atividade econômica do setor varejista.

GRÁFICO 1
Varição anual ⁽¹⁾ do Índice de Volume de Vendas e da Receita Nominal de Vendas do Segmento Hipermercados e Supermercados Estado de São Paulo – 2008 e 2009

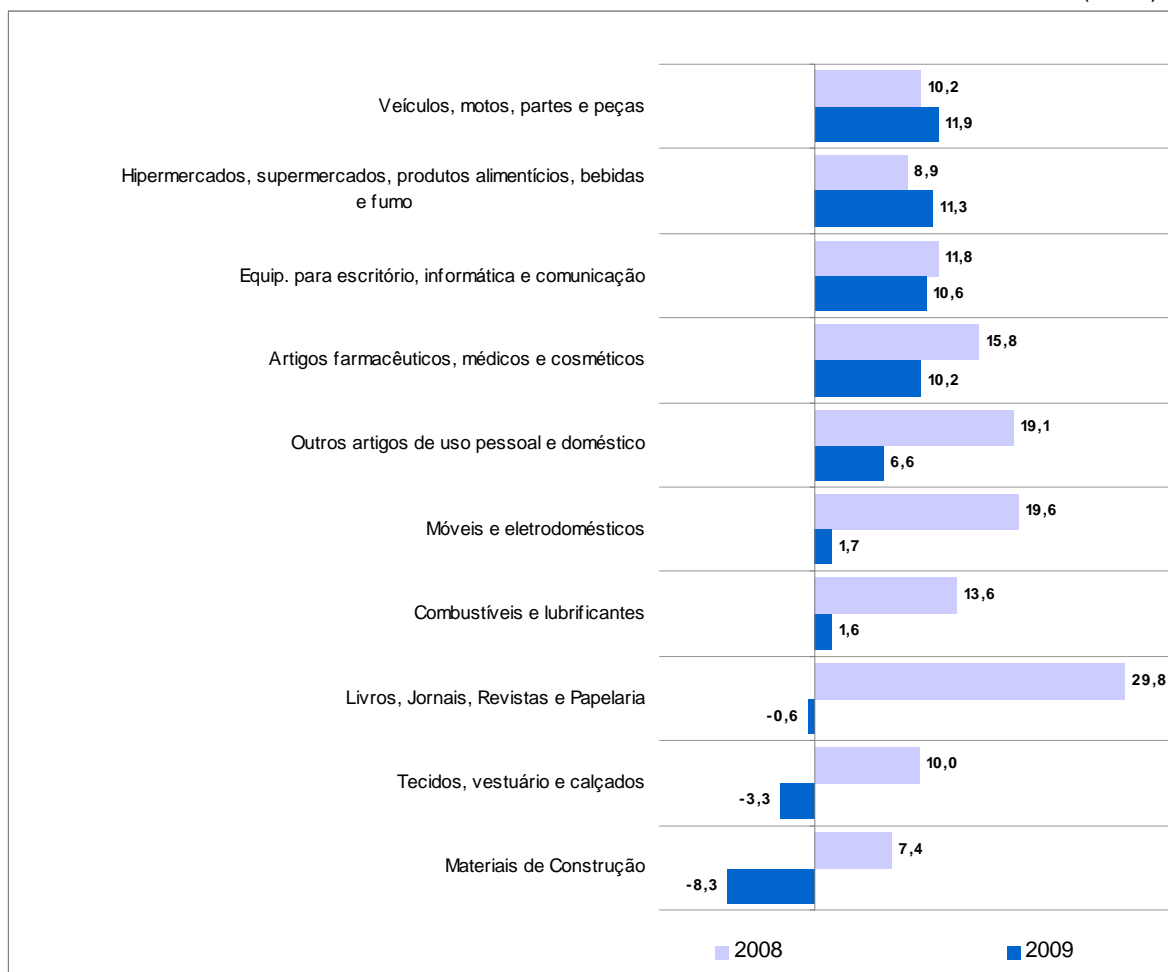


Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio
Elaboração: DIEESE - Rede Comerciantes
Nota: (1) base: igual período do ano anterior
Obs.: índices sem o ajuste sazonal.

O desempenho do setor de autosserviço paulista em relação aos demais segmentos do comércio foi significativo na comparação entre 2008 e 2009. Entre os dez segmentos analisados pela pesquisa, apenas o de *veículos, motos, partes e peças* – com crescimento de 11,9%, foi superior ao de *hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (11,3%). Os *hipermercados e supermercados* tiveram em 2009, um incremento de 11,0% (Gráfico 2).

GRÁFICO 2
Varição anual⁽¹⁾ do Índice de Volume de Vendas no Comércio Varejista por
segmento
São Paulo – 2008 e 2009

(em %)



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio

Elaboração: DIEESE - Rede Comerciantes

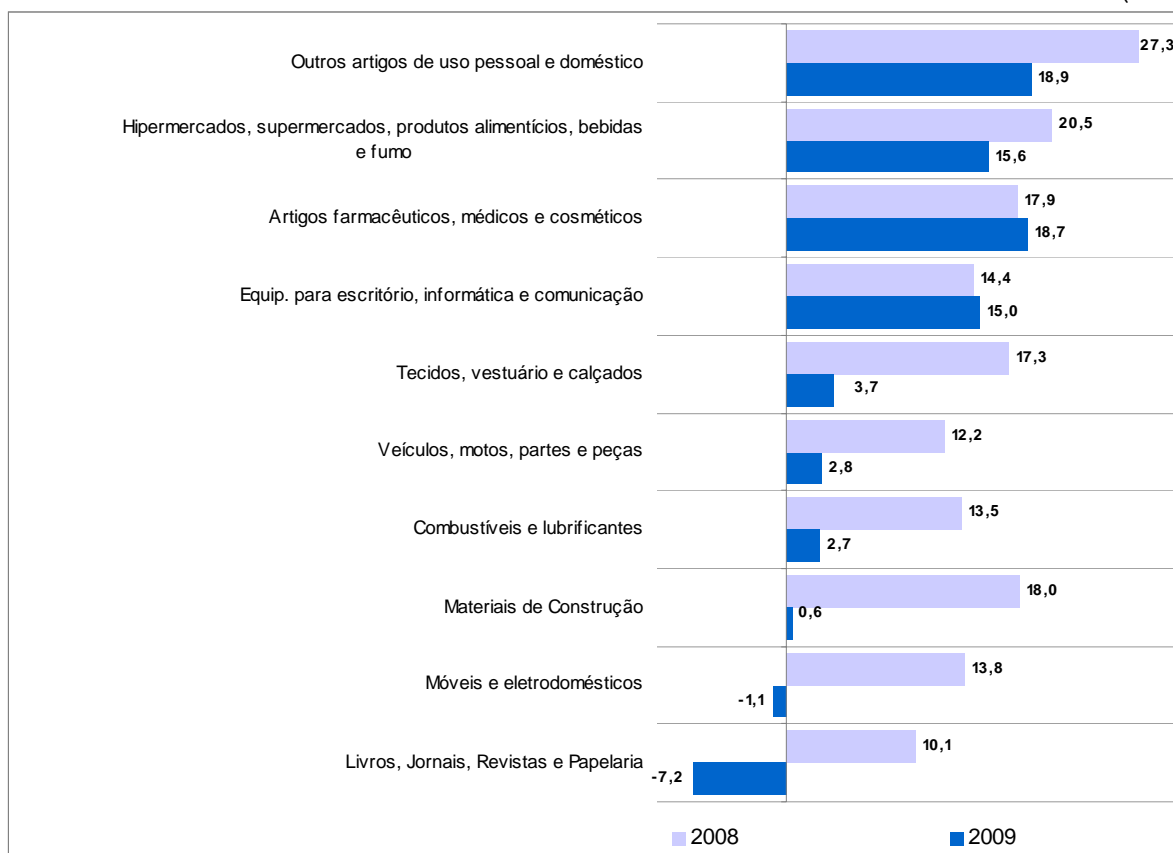
Nota: (1) base: igual período do ano anterior

Obs.: índices sem o ajuste sazonal.

Quanto à receita nominal de vendas, o grupo referente a *hipermercados e supermercados* somente não superou o crescimento obtido pelo segmento de *outros artigos de uso pessoal e doméstico* (18,9%), *artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (18,7%) e do grupo *hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (15,6%) (Gráfico 3).

GRÁFICO 3
Evolução⁽¹⁾ do Índice de Receita Nominal de Vendas no Comércio Varejista por segmento
São Paulo – 2008 e 2009

(em %)



Fonte: IBGE - Pesquisa Mensal de Comércio

Elaboração: DIEESE - Rede Comerciantes

Nota: (1) base: igual período do ano anterior

Obs.: índices sem o ajuste sazonal.

2. Ranking da Associação Brasileira de Supermercados

O setor supermercadista brasileiro obteve resultados expressivos em 2009, faturando R\$ 177 bilhões o que representa um aumento nominal de 11,7% em relação a 2008. Descontando-se a inflação, o crescimento real foi de 6,5%, segundo a Associação Brasileira dos Supermercados (Abras).

Uma das características do segmento é o elevado grau de concentração no faturamento. Os dados por empresa revelaram que somente a participação no mercado das três maiores redes chegou a atingir 40% do faturamento total do setor no ano passado (R\$ 71,6 bilhões). O grau de concentração aumenta para 52% quando é agregada a participação das 15 maiores redes no faturamento total (Tabela 1). Em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), a participação do setor manteve-se em torno de 5,5%, nos últimos dois anos. Como houve um intenso processo de fusão vivido pelo segmento supermercadista, nota-se uma grande mudança acionária, e hoje a origem do capital é majoritariamente estrangeiro.

TABELA 1
As 15 maiores empresas do ramo supermercadista
Brasil – 2009

Posição	Supermercado	Sede	Faturamento Bruto em 2009 (R\$)	Participação no Faturamento do setor (%)	Nº de Lojas	Nº de Empregados	Nº de Check- outs
1	Cia Bras. Distribuição	SP	26.223.022.075	14,8	1.080	86.390	11.204
2	Carrefour	SP	25.622.503.320	14,5	611	71.890	8.215
3	Walmart Ltda	SP	19.725.992.335	11,1	434	79.801	8.006
4	Gbarbosa	SE	2.491.178.311	1,4	52	9.527	1.077
5	Cia Zaffari Comércio e Indústria	RS	2.110.000.000	1,2	29	8.838	815
6	Prezunic Comercial Ltda	RJ	2.101.916.003	1,2	29	6.729	738
7	Irmãos Bretas Filhos e Cia Ltda	MG	2.100.467.155	1,2	59	11.105	1.361
8	DMA Distribuidora S/A	MG	1.796.403.840	1,0	88	9.038	831
9	Irmãos Muffato & Cia Ltda	PR	1.712.323.000	1,0	29	6.084	726
10	A. Angeloni & Cia Ltda	SC	1.519.731.805	0,9	22	7.030	572
11	Condor Super Center Ltda	PR	1.438.185.923	0,8	27	5.848	593
12	Coop. - Cooperativa de Consumo	SP	1.361.591.890	0,8	29	4.261	481
13	Sonda Supermercados Exp. E Imp. Ltda	SP	1.319.472.250	0,7	22	6.474	653
14	Y. Yamada S/A	PA	1.280.531.306	0,7	16	5.036	581
15	Guga Comércio de Alimentos Ltda	MG	1.172.664.707	0,7	92	5.918	799
TOTAL			91.975.983.920	52,0	2.619	323.969	36.652

Fonte: Revistas SuperHiper e Supermercado Moderno - Ranking Abras 2010
Elaboração: DIEESE

O segmento atingiu 191,5 mil check-outs no país, o que, no atual contexto em que se discute a inserção de novas tecnologias, cresce sua relevância em relação ao impacto na manutenção de empregos, particularmente a atividade dos caixas. Ainda segundo a Associação, o segmento fechou o ano com 899,7 mil funcionários.

- **Grupo Pão de Açúcar**

No ano de 2009, o grupo Pão de Açúcar estendeu sua participação no mercado, especialmente por meio de aquisições de outras redes.

Em 2007, o grupo já havia adquirido a participação majoritária no capital da rede Assai, de “atacarejo”, e em 2009 o destaque foi a compra da rede Ponto Frio em junho, especializada no segmento de eletroeletrônicos. Além desta, o grupo anunciou a fusão com as Casas Bahia, líder no segmento de eletroeletrônicos.

Desta forma, o grupo alcançou o topo do ranking Abras no ano passado, após tê-lo perdido em 2008 para o Carrefour, com um faturamento de R\$ 26,2 bilhões. Este desempenho significou um crescimento de 25,7% em relação a 2008, quando registrou cerca de R\$ 21 bilhões.

Influenciado diretamente pelas aquisições em 2009, o incremento no número de lojas chegou a 80%. Em valores absolutos, o grupo incorporou 483 novas lojas, alcançando 1.080 em 2009.

Em relação ao número de empregados, o crescimento foi de 22,3%, passando de 70.656 empregados, em 2008, para 86.390, em 2009, um acréscimo de 15.734 trabalhadores (Tabela 2).

TABELA 2
Evolução dos Indicadores - Grupo Pão de Açúcar
Brasil - 2008 e 2009

Indicadores	2008	2009	Variação %
Faturamento Bruto (R\$)	20.856.769.010	26.223.022.075	25,7
Nº de Lojas	597	1.080	80,9
Nº de Empregados	70.656	86.390	22,3
Área de Vendas (m ²)	1.360.706	1.744.653	28,2
Nº de Checkouts	9.561	11.204	17,2
Faturamento por Empregado (R\$)	295.188	303.542	2,8
Faturamento por Checkout	2.181.442	2.340.505	7,3
Empregados por Checkout	7	8	14,3
Empregados por 100 m ² de Área de Vendas	5,2	5,0	-4,6
Empregados por Loja	118,4	80,0	-32,4

Fonte: Revista SuperHiper/Ranking Abras

Elaboração: Subseção DIEESE Sindicato dos Comerciantes de São Paulo

Os dados de empregados por área de vendas e empregados por loja indicam o nível da intensidade do trabalho. Quanto maior for a área de vendas e menor a quantidade de empregados mais intenso tende a ser o ritmo de trabalho, pois cada empregado tende a ficar responsável por uma área maior.

Os dados negativos da quantidade de empregados por área de vendas (-4,6%) e por loja (-32,4) pela fusão com a rede Ponto Frio, pois esta é caracterizada pela grande quantidade de lojas, que possuem áreas menores que as utilizadas por supermercados.

- **Carrefour**

A empresa, de origem francesa, mantinha-se como a de maior faturamento no país há dois anos, após a fusão com a rede de Atacadão, em 2007. Contudo, sua posição mudou em 2009, quando passou para o segundo lugar, atrás do grupo Pão de Açúcar. O faturamento do Carrefour no país, no ano passado, ficou em R\$ 25,6 bilhões, registrando crescimento de 14% em relação a 2008, quando obteve R\$ 22,5 bilhões.

Destaca-se ainda o crescimento de 10,4% no número de empregados no período analisado, cujo total chegou a 71.890, em 2009. Já o número de lojas aumentou aproximadamente 13,4%, variando de 539 para 611 (Tabela 3).

Apesar de o crescimento da quantidade de empregados por área de vendas ter sido de 5%, quando este incremento é relacionado com o número de lojas, verifica-se que houve

redução de 2,6%, pois houve menos contratação que aumento no número das lojas. Por fim, vale lembrar que o faturamento real do Carrefour registrou um crescimento da ordem de 7,5%, em 2009.

TABELA 3
Evolução dos Indicadores - Carrefour
Brasil - 2008 e 2009

Indicadores	2008	2009	Variação %
Faturamento Bruto (R\$)	22.470.296.409	25.622.503.320	14,0
Nº de Lojas	539	611	13,4
Nº de Empregados	65.144	71.890	10,4
Área de Vendas (m ²)	1.359.762	1.429.414	5,1
Nº de Checkouts	8.142	8.215	0,9
Faturamento por Empregado (R\$)	344.933	356.416	3,3
Faturamento por Checkout	2.759.801	3.118.990	13,0
Empregados por Checkout	8	9	12,5
Empregados por 100 m ² de Área de Vendas	4,8	5,0	5,0
Empregados por Loja	120,9	117,7	-2,6

Fonte: Revista SuperHiper/Ranking ABRAS

Elaboração: Subseção DIEESE Sindicato dos Comerciantes de São Paulo

- **Walmart**

A maior rede varejista do mundo sustentou o terceiro maior faturamento no Brasil, posição que ocupa desde 2007, inferior somente ao do grupo Pão de Açúcar e do Carrefour.

O faturamento da rede norte americana foi de R\$ 19,7 bilhões em 2009, resultado que representou um aumento de 16,4% em relação a 2008, quando as vendas somaram R\$ 16,9 bilhões. Ressalta-se ainda que, em termos nominais, o valor ficou abaixo do apresentado pelo Carrefour. No entanto, o crescimento proporcional do faturamento por empregado do Walmart (8,6%) foi maior que o do grupo francês (3,3%).

Em 2009, o maior varejista do mundo teve, no Brasil, um crescimento de 89 lojas (25,8%), passando de 345 para 434. No tocante ao emprego, foram criados 5.345 novos postos de trabalho, com o total de empregados passando de 74.456 para 79.801, o que representa um crescimento de 7,2% em relação a 2008.

Por outro lado, o Walmart obteve a maior variação negativa entre as três grandes empresas na quantidade de empregados por área de vendas, com redução de 4,8% no período analisado. Concomitantemente, diminuiu 14,8% a quantidade de empregados por loja, fato que permite concluir que houve intensificação do trabalho (Tabela 4).

Assim como ocorreu com as duas grandes concorrentes, o faturamento real do Walmart cresceu (o aumento chegou a aproximadamente 12% no ano passado).

Finalmente, cabe salientar que, somado o faturamento das três gigantes, o setor supermercadista registrou crescimento real médio (descontada a inflação) da ordem de 13%, em 2009.

TABELA 4
Evolução dos Indicadores - Walmart
Brasil - 2008 e 2009

Indicadores	2008	2009	Variação %
Faturamento Bruto (R\$)	16.952.431.857	19.725.992.335	16,4
Nº de Lojas	345	434	25,8
Nº de Empregados	74.456	79.801	7,2
Área de Vendas (m ²)	1.151.564	1.297.127	12,6
Nº de Checkouts	7.061	8.006	13,4
Faturamento por Empregado (R\$)	227.684	247.190	8,6
Faturamento por Checkout	2.400.854	2.463.901	2,6
Empregados por Checkout	11	10	-9,1
Empregados por 100 m ² de Área de Vendas	6,5	6,2	-4,8
Empregados por Loja	215,8	183,9	-14,8

Fonte: Revista SuperHiper/Ranking ABRAS

Elaboração: Subseção DIEESE Sindicato dos Comerciantes de São Paulo

As perspectivas de investimento para o setor em 2010 são promissoras. De acordo com a Abras, excluindo-se as maiores empresas, os investimentos ultrapassarão R\$ 3,1 bilhões em 2010. Além disso, o Grupo Pão de Açúcar divulgou que, para o biênio 2010/2011, investirá R\$ 5 bilhões, o Carrefour publicou que, somente em expansão orgânica, vai investir R\$ 2,5 bilhões no Brasil no biênio, enquanto que o Walmart prometeu de R\$ 2 a R\$ 2,2 bilhões em investimento para o ano de 2010.

3. Comportamento do emprego e do rendimento em 2009

Emprego

Os dados do Caged mostram que, em 2009, o segmento supermercadista abriu 5 mil novos postos de trabalho com carteira assinada no município de São Paulo, patamar menor do que o registrado em 2008, quando foram criadas 7 mil novas vagas, o que representa um recuo em torno de 26% na geração de postos de trabalho formais.

O mesmo comportamento foi verificado no estado, onde foram abertos 18 mil novos empregos em 2009, contra 25 mil no ano de 2008. No país foram gerados, respectivamente, 61 mil empregos, contra 72 mil aproximadamente do ano anterior (Tabela 5).

TABELA 5
Saldo de Emprego do Setor Supermercadista ⁽¹⁾
São Paulo - 2008 e 2009

(em n.º absolutos)

PERÍODO	Estado de São Paulo		
	Admitidos	Desligados	Saldo
2008	193.168	168.175	24.993
2009	193.306	175.221	18.085
TOTAL	386.474	343.396	43.078

PERÍODO	Município de São Paulo		
	Admitidos	Desligados	SALDO
2008	49.705	42.852	6.853
2009	49.192	44.151	5.041
TOTAL	98.897	87.003	11.894

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Atacado e Varejo

Mesmo com resultado positivo na geração de postos de trabalho, o que chama a atenção no segmento é a elevada rotatividade da mão de obra. Isto é, ao mesmo tempo em que muitos trabalhadores são contratados, muitos são demitidos, com ou sem crise. O agravante é que esse processo provoca, sempre, rebaixamento da média salarial, entre outros prejuízos aos trabalhadores.

Quando se considera o porte dos estabelecimentos, observa-se que a criação de empregos formais deu-se, na sua maioria, em estabelecimentos de micro e pequeno porte, com entre 4 e 19 empregados. Em 2009, essas empresas fecharam o ano com o dobro de postos de trabalho frente às empresas de médio e grande porte: 8 mil postos criados nas micro e pequenas, contra 4 mil nas empresas com mais de 19 empregados. Assim, a análise do tamanho dos estabelecimentos torna-se interessante na medida em que permite que se tenha uma idéia da distribuição da mão de obra no setor. Este dado é, também, um importante indicador para a definição da ação sindical (Tabela 6).

TABELA 6
Saldo de emprego segundo tamanho do estabelecimento
Setor Supermercadista ⁽¹⁾
Município de São Paulo 2008-2009

Tamanho do estabelecimento	2008		Saldo	2009		Saldo
	Admitidos	Desligados		Admitidos	Desligados	
TOTAL	49.705	42.852	6.853	98.897	87.003	11.894
Até 4 empregados	7.582	3.378	4.204	14.659	6.579	8.080
De 5 a 9 empregados	2.061	2.306	-245	4.099	4.424	-325
De 10 a 19 empregados	3.610	3.254	356	7.487	7.077	410
De 20 a 49 empregados	6.484	6.296	188	12.922	12.901	21
De 50 a 99 empregados	7.424	7.507	-83	15.206	15.189	17
De 100 a 249 empregados	10.781	9.256	1.525	20.492	18.475	2.017
De 250 a 499 empregados	9.554	8.625	929	18.821	17.475	1.346
De 500 a 999 empregados	1.718	1.626	92	4.086	3.787	299
1000 ou mais empregados	491	604	-113	1.125	1.096	29

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego/CAGED

Elaboração: DIEESE

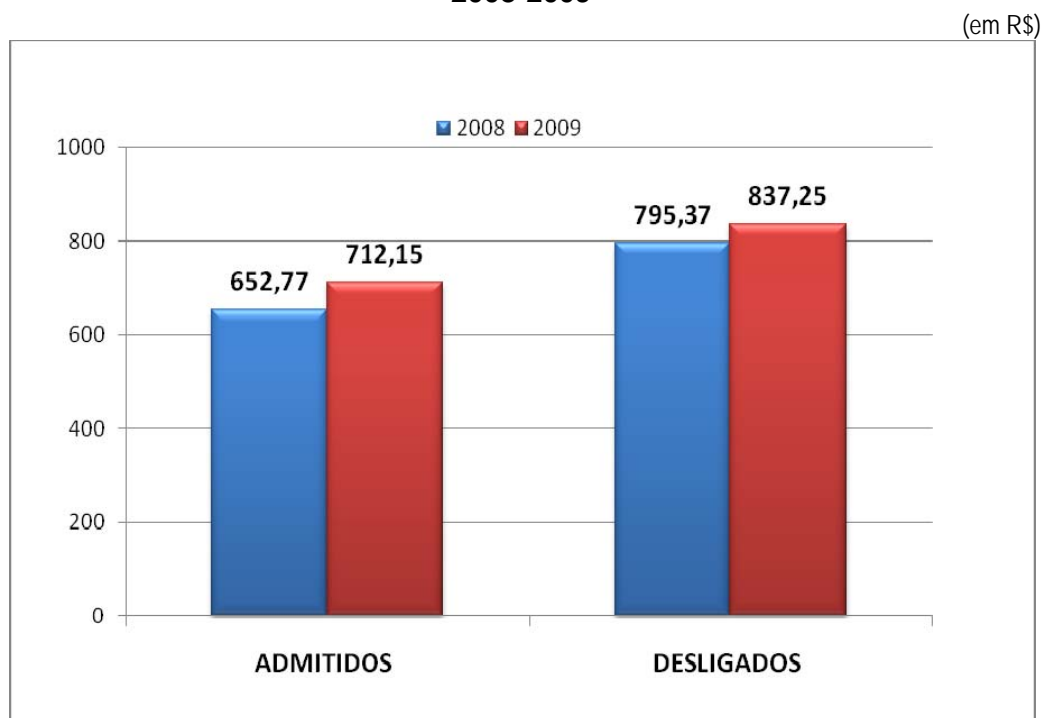
Nota: (1) Atacado e Varejo

Rendimento médio

Analisando-se a remuneração dos trabalhadores, de uma maneira geral, os empregados de supermercados no município de São Paulo recebiam em média R\$ 771,32 em 2009, se comparado ao ano anterior, houve um aumento nominal de 7,3% quando o salário médio pago foi de R\$ 718,79.

Por outro lado, os admitidos tiveram remunerações médias menores do que aquelas dos empregados desligados. Em 2009, os empregados que foram contratados, em média, receberam 15% a menos dos salários pagos àqueles que perderam seus postos de trabalho. Enquanto os admitidos recebiam R\$ 712,15, os desligados ganharam R\$ 837,25. Em 2008, essa diferença foi ainda maior, ou seja, os contratados receberam em média 20% a menos que os desligados (Gráfico 3).

GRÁFICO 3
Rendimento médio dos trabalhadores admitidos e desligados
Setor Supermercadista ⁽¹⁾
Município de São Paulo
2008-2009



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego
Elaboração: DIEESE
Nota: (1) Atacado e Varejo

Apesar da diminuição da diferença verificada em 2009, a rotatividade de trabalhadores é um mecanismo utilizado pelas empresas para o rebaixamento das remunerações dos empregados, tanto no comércio como nos demais setores de atividade econômica.

Mesmo quando há alguma melhora no rendimento dos trabalhadores, como foi o caso observado entre os anos de 2008 e 2009, a desigualdade da remuneração média paga entre homens e mulheres permanece. Quando esta comparação é feita entre os admitidos segundo gênero, verificou-se que as mulheres que foram contratadas em 2009 recebiam 88,9% dos salários pagos aos homens admitidos no mesmo ano. Ou seja, elas recebiam, em média, R\$ 666,89, contra R\$ 750,15 dos homens. Em 2008, essa diferença era menor (91,64%), evidenciando-se assim, um ligeiro aumento da desigualdade de gênero para trabalhadores admitidos nos dois anos.

Para o grupo de desligados, a situação foi diferente. Houve redução da diferença entre a remuneração média paga para as mulheres em comparação com a dos homens nos anos pesquisados. Em 2009, as mulheres receberam 89,82% do que foi pago para os homens contra 88,64%, em 2008. Isto se deu mais como resultado do rebaixamento salarial, evidenciada pelos valores nominais médios, do que pela melhora da remuneração feminina (Tabela 7).

TABELA 7
Rendimento médio dos trabalhadores admitidos e desligados
segundo gênero
Setor Supermercadista ⁽¹⁾
Município de São Paulo - 2008-2009

Período	Admitidos		Proporção (%)
	Masculino (R\$)	Feminino (R\$)	
2008	678,87	622,09	91,64
2009	750,15	666,89	88,90

Período	Desligados		Proporção (%)
	Masculino	Feminino	
2008	836,90	741,79	88,64
2009	876,45	787,18	89,82

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego - RAIS

Elaboração: DIEESE

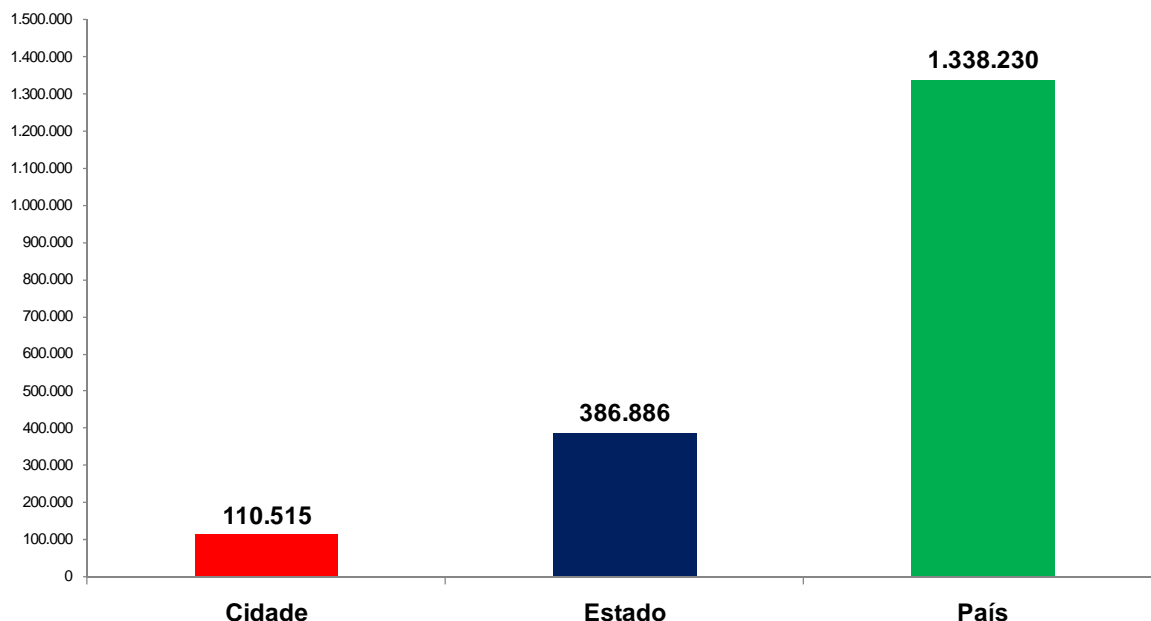
Nota: (1) Atacado e Varejo

Perfil dos comerciários em supermercados no município de São Paulo em 2008

Em 2008, de acordo com os dados da Rais, fornecida pelo Ministério do Trabalho e Emprego, o total de empregos formais no setor supermercadista (atacado e varejo) no município de São Paulo foi de 110.515. Este contingente representa cerca de 29% dos vínculos ativos registrados no segmento no estado de São Paulo (387 mil), e 8,3% do total de empregos no país (1,3 milhão) (Gráfico 4).

Como o setor do comércio no município de São Paulo fechou o ano com 754 mil empregos formais, 14,6% dos trabalhadores do setor pertenciam ao segmento supermercadista.

GRÁFICO 4
Quantidade de vínculos ativos
Setor Supermercadista ⁽¹⁾
São Paulo – 2008



Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego/RAIS
Elaboração: DIEESE
Nota: (1) Atacadista e varejista

Um dos traços do comércio é a expressiva presença de jovens no setor. No segmento supermercadista isso não é diferente. Segundo os dados da Rais, 1/3 (um terço) dos empregados em supermercados tinha entre 18 e 24 anos de idade. Historicamente, o setor do comércio é tido como porta de entrada para o mercado de trabalho pelos jovens. Isso se deve ao fato de ter como uma das suas características estruturais, a disponibilidade da inserção em inúmeras funções que não exigem alta qualificação profissional ou ampla experiência anterior.

Outro traço marcante no comércio é o relativo equilíbrio na distribuição da sua força de trabalho entre homens e mulheres. No segmento supermercadista, a proporção entre empregados dos dois sexos também é equilibrada. No caso do município de São Paulo, dos 110.515 trabalhadores formais, os homens representavam 55%, enquanto as mulheres correspondiam a 45%.

TABELA 8
Proporção de vínculos ativos segundo faixa etária e gênero
Setor Supermercado⁽¹⁾
Município de São Paulo – 2008

FAIXA ETÁRIA	GÊNERO		TOTAL
	MASCULINO	FEMININO	
	(em %)		
TOTAL	100,0	100,0	100,0
Ate 17 anos	3,4	1,4	2,5
18 a 24 anos	33,0	32,8	32,9
25 a 29 anos	21,5	25,3	23,2
30 a 39 anos	25,1	26,8	25,9
40 a 49 anos	11,7	10,0	11,0
50 a 64 anos	4,8	3,3	4,1
65 ou mais	0,4	0,2	0,3

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego/Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Atacadista e varejista

A análise que leva em conta o cruzamento entre faixa etária e gênero, mostra que a proporção entre homens e mulheres é bem semelhante. Na faixa de 25 a 29 anos, a proporção de mulheres (25,3%) supera a de homens (21,5% do total), enquanto em outras faixas o total de homens é ligeiramente superior ao de mulheres (Tabela 8).

O nível de escolaridade formal dos trabalhadores tem aumentado nos últimos anos. Esse crescimento pode ser atribuído, entre outros, a dois fatores: o maior acesso (e permanência) à educação com conseqüente aumento geral da escolaridade média da população e às maiores exigências de formação escolar nos processos seletivos por parte das empresas, em razão da elevada oferta de mão de obra e das taxas de desemprego em patamares ainda elevados.

No município de São Paulo, grande parte dos trabalhadores em supermercados possuía, em 2008, o ensino médio completo (61%), seguido por aqueles com ensino fundamental completo ao médio incompleto (23%). Isto confirma a análise que indica que a estrutura do setor é formada por postos que exigem baixa qualificação.

Entre homens e mulheres, nota-se que a mão de obra feminina possuiu grau de instrução mais elevado do que a masculina. Cerca de 70% das mulheres tinham ensino médio completo frente a 55% dos homens. Em relação ao ensino superior, a proporção entre os gêneros se igualou em 2008, 3,4% (Tabela 9).

TABELA 9
Proporção de vínculos ativos por escolaridade segundo gênero
Setor Supermercadista ⁽¹⁾
Município de São Paulo – 2008

Escolaridade	Gênero	
	Masculino	Feminino
TOTAL	100,0	100,0
Analfabeto	0,2	0,1
Até o 5ª ano Incompleto do Ensino Fundamental	1,4	0,6
5ª ano Completo do Ensino Fundamental	2,8	1,7
Do 6ª ao 9ª ano Incompleto do Ensino Fundamental	7,2	3,6
Ensino Fundamental Completo	13,5	9,5
Ensino Médio Incompleto	12,7	8,6
Ensino Médio Completo	54,6	68,3
Educação Superior Incompleta	4,1	4,1
Educação Superior Completa	3,4	3,4
Mestrado Completo	0,0	0,0
Doutorado Completo	0,0	0,0

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego/ RAIS

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Atacadista e varejista

Obs.: Salário Mínimo nominal em 2008: R\$ 415,00

Em razão do processo de fusão e aquisição vivido pelo segmento supermercadista, as grandes redes têm tido um papel mais destacado na ocupação. Por isso, os estabelecimentos considerados grandes, com mais de 100 empregados, detêm cerca de 58% da força de trabalho empregada. Contudo, os estabelecimentos de menor porte, por exemplo, aqueles com até 49 empregados, representam aproximadamente ¼ (um quarto) da mão de obra, algo nada desprezível no caso da cidade de São Paulo (Tabela 10).

TABELA 10
Quantidade de vínculos ativos ⁽¹⁾ por tamanho de estabelecimento
Setor Supermercadista ⁽²⁾
Município de São Paulo – 2008

Tamanho do Estabelecimento	Quantidade de vínculos ativos (em nº absolutos)	Proporção (em %)
TOTAL	110.515	100,0
Até 4 empregados	4.007	3,6
De 5 a 9 empregados	4.580	4,1
De 10 a 19 empregados	6.685	6,0
De 20 a 49 empregados	13.540	12,3
De 50 a 99 empregados	17.509	15,8
De 100 a 249 empregados	25.194	22,8
De 250 a 499 empregados	28.203	25,5
De 500 a 999 empregados	5.807	5,3
1000 ou mais empregados	4.990	4,5

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego/ Rais

Elaboração: DIEESE

Notas: (1) Estoque em 31/12/08

(2) Atacadista e varejista

Remuneração

A remuneração é um dos aspectos mais importantes para o trabalhador, uma vez que ela definirá seu padrão de vida. O valor médio pago aos empregados em supermercados da cidade de São Paulo foi de R\$ 1.093,82, em 2008. Para o conjunto dos trabalhadores supermercadistas do estado de São Paulo essa média foi de R\$ 993,63, o que significa uma diferença de quase 9% a menos. Apenas para efeito ilustrativo, quando se considera o valor do Salário Mínimo em dezembro de 2008, de R\$ 415,00, verifica-se que estes salários corresponderiam respectivamente, a 2,64 SM e 2,39 SM.

Segundo estudo realizado pelo DIEESE, em dezembro de 2008, o salário mínimo necessário para suprir as necessidades básicas de um trabalhador e de sua família (composta por dois adultos e duas crianças) com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, deveria ser R\$ 2.141,08.

Ao se cruzar o salário com o gênero e nível de escolaridade verifica-se que o maior nível de instrução das mulheres não lhes confere, sequer, salário igual ao dos homens

Na comparação entre comerciárias e comerciários dos supermercados paulistanos nota-se que elas ganhavam, em média, cerca de 77% (R\$ 937,63) do total recebido pelos comerciários (R\$ 1.222,62). No estado de São Paulo, os salários pagos às mulheres se aproximaram um pouco mais do pago aos homens, 78%, ainda que a diferença seja pouco expressiva (Tabela 11).

TABELA 11
Remuneração média e proporção de vínculos ativos segundo gênero
Setor Supermercado⁽¹⁾
Município de São Paulo – 2008

Gênero	Cidade		Estado	
	Rem. Média (em R\$)	Proporção (em %)	Rem. Média (em R\$)	Proporção (em %)
Total	1.093,82	(-)	993,63	(-)
Masculino	1.222,62	100,0	1.109,05	100,0
Feminino	937,63	76,7	865,62	78,0

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego - Rais

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Atacadista e varejista

Se a baixa remuneração feminina pode ser explicada pela colocação das mulheres em postos de trabalho que requerem menor qualificação e praticam menores salários, o fator cultural influencia esta situação. Pois, independentemente da maior qualificação que as mulheres possuem frente aos homens, esta diferença permanece.

As diferenças de remuneração aparecem também quando se considera o tamanho da empresa. Os menores salários são pagos pelas menores empresas. Assim, os estabelecimentos com até quatro empregados pagaram em média R\$ 722,18, e os maiores rendimentos foram identificados nas empresas com mais de mil empregados (3.537,53). No entanto, a segunda maior média foi encontrada nos estabelecimentos que empregavam entre 50 e 99 comerciários, que pagaram em média R\$ 1.114,92 aos seus trabalhadores, em 2008.

Pode-se atribuir este fato à complexa estrutura das empresas maiores, que possuem especialização por áreas, o que requer um quadro funcional mais qualificado, elevando assim a renda média praticada frente às pequenas que não necessitam dessas exigências.

TABELA 12
Remuneração média de vínculos ativos segundo tamanho de estabelecimentos
Setor Supermercadista ⁽¹⁾
Município de São Paulo – 2008

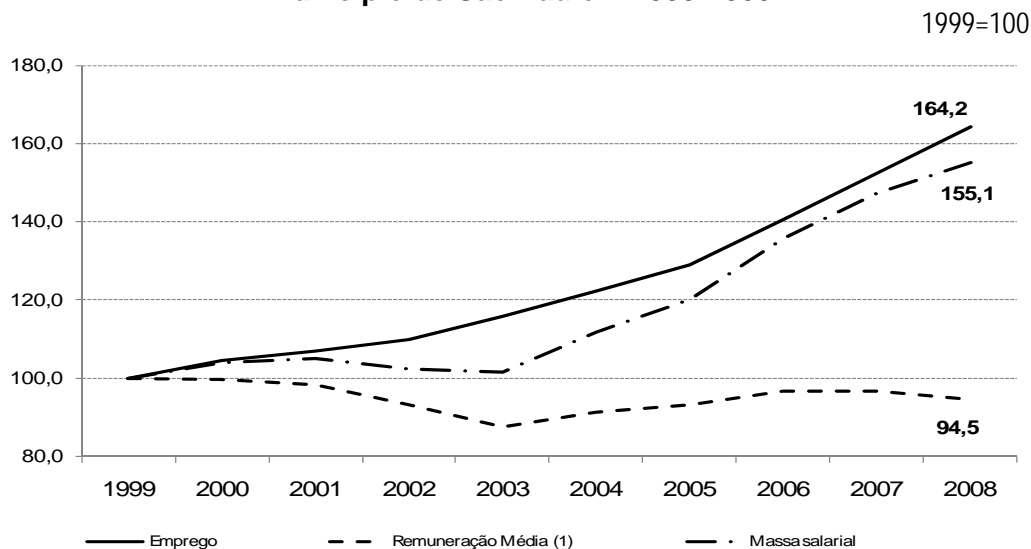
Tamanho do estabelecimento	Remuneração média (em R\$)
TOTAL	1.093,82
Até 4 empregados	722,18
De 5 a 9 empregados	782,96
De 10 a 19 empregados	801,18
De 20 a 49 empregados	927,38
De 50 a 99 empregados	1.114,92
De 100 a 249 empregados	1.035,01
De 250 a 499 empregados	999,59
De 500 a 999 empregados	869,64
1000 ou mais empregados	3.537,53

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego - RAIS
 Elaboração: DIEESE
 (1) Atacadista e varejista

5. Evolução do emprego e da renda entre 1999 e 2008

Apesar do crescimento econômico observado nos últimos anos, o aumento da remuneração média dos trabalhadores no setor supermercadista ainda é um desafio para o movimento sindical. Os dados do Gráfico 5 mostram a trajetória do emprego formal, da massa salarial real e do rendimento médio real dos empregados do segmento supermercadista na capital paulista. Chama atenção o fato de o emprego ter tido uma expansão de 64% entre 1999 e 2008, a massa salarial ter crescido 55% e o rendimento médio registrado queda de 5,5%, em igual período.

GRÁFICO 5
Evolução do emprego, massa salarial e remuneração média real ⁽¹⁾
Setor supermercadista
Município de São Paulo - 1999-2008



Fonte: RAIS - Ministério do Trabalho e Emprego.

Elaboração: DIEESE

Nota (1): Valor em 31/12. Não consta os vínculos ignorados para o cálculo da remuneração média. Valores a preços de jan/2010 do INPC/IBGE

Ainda em relação ao emprego, nota-se que, o crescimento mais acentuado verifica-se entre os anos 2005 e 2008, período em que houve maior aquecimento econômico de forma contínua e, portanto, com taxa média anual de crescimento mais elevada. Comportamento parecido teve a massa salarial. Já o rendimento registrou trajetória distinta. Ou seja, cresceu de forma pífia entre 2005 e 2007 e voltou a cair em 2008.

Pode-se concluir que, mesmo em períodos de crescimento econômico, o incremento salarial vem a reboque da melhora do emprego e da massa salarial. Sendo assim, cabe perguntar, quais as razões para o salário não acompanhar a trajetória de crescimento do emprego e da massa salarial? Isso mostra que o crescimento econômico por si só não tem garantido a melhoria dos padrões salariais dos trabalhadores em geral, e em particular, dos comerciários no setor de supermercados, isto coloca cada vez mais a importância da negociação coletiva como instrumento para valorização das condições de trabalho, emprego e remuneração.

Principais Resultados

O segmento supermercadista paulista, acompanhando o setor do comércio como um todo, obteve bons resultados em 2009, apesar da continuidade da desigualdade entre homens e mulheres nas relações de trabalho. Ademais, os resultados mostram que a crise pouco ou quase nada afetou o segmento.

- No estado de São Paulo, em 2009, verificou-se crescimento no volume de vendas no segmento supermercadista de 11%, sendo que em 2008 esse percentual foi de 8,3%.

Com relação à receita nominal de vendas, o incremento foi de 15,4%, resultado inferior ao obtido em 2008, 19,7%;

- As três maiores empresas (Grupo Pão de Açúcar, Carrefour e Walmart) ampliaram sua participação no faturamento no segmento do autosserviço. Em nível nacional, alcançaram conjuntamente R\$ 71,6 bilhões, representando 40% do total dos supermercados no ano. Esse resultado é fruto, em grande medida, do processo de fusões e aquisições, que tem aumentado, a cada ano que passa, o nível de concentração no setor.
- No tocante ao emprego formal no ano de 2009, o segmento gerou 5 mil novos postos de trabalho no município de São Paulo, enquanto no estado foram gerados 18 mil.
- A remuneração média recebida em 2008 pelos comerciários do município de São Paulo foi de R\$ 1.093,82, enquanto no estado de São Paulo ficou em R\$ 993,63
- Em 2009, a geração de emprego se concentrou nas empresas com até quatro empregados, com mais de 8 mil novos postos de trabalho, no segmento. Isso é mais significativo quando se observa que a quantidade de vínculos ativos era de aproximadamente 4 mil, em dezembro de 2008;
- A rotatividade serve como mecanismo redutor do custo do trabalhador deste segmento. Enquanto a remuneração média do admitido era R\$ 712,15 em 2009, na cidade, o desligado recebia R\$ 837,25, ou seja, há uma diferença de 15% entre o valor que era pago, e o salário do novo contratado;
- Em 2008, a mão de obra feminina ocupou 45% dos postos de trabalho do segmento na cidade de São Paulo, contudo a desigualdade se manteve;
- As mulheres apesar de terem nível de escolaridade mais avançado que o dos homens continuaram ocupando postos de trabalho que pagavam salários menores, que correspondem a aproximadamente 77% daqueles recebidos pelos homens;
- Na análise da década compreendida entre 1999 e 2008, o nível de emprego formal supermercadista cresceu 64% na cidade de São Paulo. Porém, a remuneração média apresentou retração de 5,5%;

Como as projeções para economia brasileira para 2010 e mesmo para os próximos anos são alentadoras, as perspectivas para o segmento devem ser extremamente positivas também. Com expectativas favoráveis de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), continuidade da política de valorização do salário mínimo nacional, ampliação do crédito, expansão da ocupação, crescimento da massa salarial e esperado aumento da renda dos trabalhadores através dos ganhos reais de salários que os sindicatos devem continuar conquistando nas negociações coletivas, tem-se um cenário extremamente auspicioso para a expansão do segmento supermercadista no Brasil.

Sendo assim, esse é um contexto mais favorável à negociação coletiva, portanto é extremamente oportuna a busca pela ampliação dos ganhos reais de salário bem como a conquista de outros itens para os trabalhadores do segmento.

Nota Metodológica

Para a análise das informações da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) foi utilizada a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), formulada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Para a caracterização do segmento, neste estudo foram consideradas as classificações da CNAE fornecidas pelo Sindicato dos Comerciantes de São Paulo, que estão organizadas nas seguintes classes:

1) CLASSE CNAE 2.0:

- a) Classe 46 915 – Comércio atacadista de mercadorias em geral (com predominância de produtos alimentícios);
- b) Classe 47 113 – Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios (hipermercados e Supermercados);
- c) Classe 47 121 – Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios (minimercados, mercearias e armazéns);
- d) Classe 47 130 – Comércio varejista de mercadorias em geral (sem predominância de produtos alimentícios);

2) CLASSE CNAE 1.0:

- a) 51.91-8 – Comércio atacadista de mercadorias em geral (não especializado);
- b) 52.11-6 – Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios, com área de venda superior a 5.000 metros quadrados – hipermercados;
- c) 52.12-4 – Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios, com área de venda entre 300 e 5.000 metros quadrados – supermercados;
- d) 52.13-2 – Comércio varejista de mercadorias em geral, com predominância de produtos alimentícios, com área de venda inferior a 300 metros quadrados - exceto lojas de conveniência;
- e) 52.15-9 – Comércio varejista não especializado, sem predominância de produtos alimentícios.

Rua Ministro Godói, 310
CEP 05001-900 São Paulo, SP
Telefone (11) 3874-5366 / fax (11) 3874-5394
E-mail: en@dieese.org.br
www.dieese.org.br

Direção Executiva

Josinaldo José de Barros - Presidente
Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias
Metalúrgicas, Mecânicas e de Materiais Elétricos
de Guarulhos Arujá Mairiporã e Santa Isabel
Alberto Soares da Silva – Vice-presidente
STI de Energia Elétrica de Campinas
João Vicente Silva Cayres – Secretário
Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

Direção técnica

Clemente Ganz Lúcio – diretor técnico
Ademir Figueiredo – coordenador de estudos e
desenvolvimento
José Silvestre Prado de Oliveira – coordenador de
relações sindicais
Nelson Karam – coordenador de educação
Francisco J.C. de Oliveira – coordenador de
pesquisas
Rosana de Freitas – coordenadora administrativa e
financeira

Supervisão ER São Paulo

Eliana Ferreira Elias

Equipe técnica responsável

Diego Romano
Eliana Ferreira Elias
Fabiana Carla da Silva Campelo
José Silvestre Prado de Oliveira
Iara Heger (revisão)



Sindicato dos Empregados no Comércio de São Paulo

Rua Formosa, 409 – Anhangabaú – Centro

Diretoria

Ricardo Patah, presidente
José Gonzaga da Cruz, vice-presidente
Edson Ramos, secretário-geral
Antonio Carlos Duarte, tesoureiro
Cleonice Caetano Souza, diretora do Departamento
Jurídico
Antonio Evanildo Cabral, diretor de Educação,
Formação Profissional e Esportes
Josimar Andrade de Assis, diretor do Patrimônio
Marcos Afonso de Oliveira, diretor de Relações
Sindicais
Neildo Francisco de Assis, diretor de Assistência
Social e Previdência

Suplentes da Diretoria

Aparecido Tadeu Praça - Cremilda Bastos Cravo -
Isabel Kausz dos Reis - Luiz Hamilton de Sousa
Rosilania Correia Lima - Djalma Alves Domingos
- Isaias Roberto da Silva - Manuel Correia
Marinaldo Antonio de Medeiros

Conselho Fiscal

Avelino Garcia Filho - Domingos Serralvo Moreno
- Adriana Machado

Suplentes do Conselho Fiscal

Gino Vaccaro - Julio Nicolau - Rubens Romano

Delegados Federativos

Nildo Nogueira - Wilson Moura da Silva

Suplentes de Delegados Federativos

Eduardo Karam - Erasmo Jacinto da Silva